

## MINICURSO PARA O X SIMPÓSIO DA ABHR – **TEXTO COMPLETO**

**Título:** O cinema e a mídia como palco do fenômeno religioso na sociedade contemporânea

**Proponente:** Helvânia Ferreira Aguiar – jornalista e mestre em Ciências da Religião pela PUC/SP; pesquisadora do grupo Pós-Religare – Pós-Modernidade e Religião<sup>1</sup>, vinculado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC/SP.

**E-mails para contato:** [helvania@uol.com.br](mailto:helvania@uol.com.br) ou [helvania17@hotmail.com](mailto:helvania17@hotmail.com)

### **Introdução:**

Uma nova dimensão dos fenômenos religiosos se impõe e, como pesquisadores, não podemos negligenciá-la: a utilização em larga escala dos meios de comunicação. As relações entre mídia e religião nos oferecem múltiplas interfaces de investigação. Uma delas vem da contextualização da mídia dentro da sociedade pós-moderna. Gianni Vattimo nos fornece importante subsídio para reflexão nesta área, ao definir a pós-modernidade por uma característica, para ele, preponderante: a presença massiva da mídia na vida social.

A incidência do fenômeno religioso na mídia abre-nos a possibilidade de análise por duas vertentes: uma voltada para a mídia religiosa institucional-confessional, representada, por exemplo, por programas televisivos das várias denominações religiosas ou suas publicações - *Folha Universal, Família Cristã, Revista Espírita* etc; e outra, para a mídia generalista, laica, que oferece um sem-número de opções. Publicações como *Superinteressante, Galileu, Veja, Isto é e Época* e um vasto elenco de canais por assinatura, dentre os quais, *Discovery Channel, History Channel, National Geographic* e *GNT*, apenas para citar alguns. Se ampliarmos o campo da mídia para além desses veículos, temos ainda o cinema, com sua linguagem própria cada vez mais permeada pelo fenômeno religioso, explícita ou implicitamente.

Recordamos aqui de duas obras recentes que abordaram a temática religiosa e acabaram-se convertendo em fenômenos midiáticos: os filmes *O Código Da Vinci* e *A Paixão de Cristo*. O primeiro vale-se de teorias conspiratórias em torno do cristianismo para criar um *blockbuster* de ação vertiginosa. O segundo reivindica para si a pretensa verdade, “fiel” aos evangelhos, sobre como teriam sido as últimas horas de Jesus. Dois “campeões de audiência” que suscitam importantes reflexões sobre fé, valores éticos e fundamentalismo religioso.

---

<sup>1</sup> Grupo de pesquisa certificado pelo CNPq

Além dessas duas obras, pretendemos analisar sucintamente um exemplo de mídia cujo destaque para o fenômeno religioso é crescente: a revista *Superinteressante*, da Editora Abril. A partir da década de 90, a revista ampliou, de modo significativo, o espaço e a frequência dos temas religiosos em suas páginas. Para analisar o fenômeno, trabalhamos com duas linhas interpretativas: uma apoiada nos referenciais teóricos multidisciplinares indicados pelas Ciências da Religião; e outra voltada para a análise de conteúdo balizada por referenciais advindos do Jornalismo.

Nossa indagação central quanto à revista é: a abordagem da temática religiosa reflete a religiosidade típica da condição pós-moderna? O intuito é identificar que atributos da revista, ao tratar da temática religiosa, fazem dela um veículo consentâneo com pós-modernidade e a sociedade do espetáculo.

### O Código Da Vinci

Quanto às qualidades literárias do livro de Dan Brown, não há muito que destacar sobre a fórmula bastante conhecida e ainda eficiente dos *best sellers* de ficção: um tema central polêmico, capaz de despertar debates acalorados, ação vertiginosa e “ganchos” carregados de suspense ao fim de cada capítulo. O filme segue a mesma linha, com a vantagem de ter no papel de protagonista um ator carismático, conhecido e relativamente querido pelas platéias mundiais, que é Tom Hanks. A franca desvantagem é tentar aglutinar em duas horas de exibição justamente a ação vertiginosa e intrincada descrita no livro. O filme fica ainda mais cheio de soluções mágicas e é bem possível que quem não leu o livro tenha ficado bastante perdido em algumas seqüências.

O lançamento no cinema em maio de 2006 provocou os mais diferentes protestos em várias partes do mundo. O Fórum Social Católico da Índia convocou greve de fome no país, além de oferecer recompensa para quem capturasse - vivo ou morto - o autor do livro que originou o filme, Dan Brown. A polêmica começou no Vaticano e se estendeu, atingindo também o Brasil e as Filipinas. No País, o deputado Salvador Zimbaldi (PSB-SP) tentou a proibição da exibição, mesma medida que o secretário-executivo da presidente das Filipinas almejava.<sup>2</sup> A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, também se pronunciou a respeito, conforme nota de *O Estado de São Paulo*, reproduzida no site *Observatório da Imprensa*:

---

<sup>2</sup> CINECLICK. <http://parceiros.cineclick.com.br/noticias>. Publicado em 10 mai. 2006. Acesso em: 5 set. 2007

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Geraldo Majella Agnelo, aconselhou ontem os cristãos a encararem como obra de ficção - e não como denúncia para ser levada a sério - o filme *O Código Da Vinci*, baseado no livro homônimo do escritor Dan Brown. Segundo o cardeal, o filme apresenta “uma imagem distorcida de Jesus Cristo, que está em contraste com as pesquisas e afirmações de estudiosos de diversas áreas das ciências humanas, da teologia e dos estudos bíblicos. (...) Vamos acreditar nos Evangelhos ou nesses escritos e interpretações dos últimos tempos?”, indagou, admitindo que uma obra cinematográfica tem um impacto maior que uma literária.<sup>3</sup>

O conselho de dom Geraldo pode bem ser aplicado a um sem número de filmes, que vão desde *Indiana Jones*, passando por *Guerra nas Estrelas* e chegando a *Bruxa de Blair*, outro exemplo de filme que se vendeu, e muito bem aliás, como não ficção, mas como documentário, no começo da década. O que aconteceu em torno de *O Código Da Vinci* parece ter sido muito barulho por nada. Um teólogo, cujo nome não recordamos, entrevistado pela rádio CBN na época do lançamento nos cinemas, declarou com tranqüilidade e sem nenhum traço de exasperação que o filme não é um tratado de teologia ou de história do cristianismo, mas puro entretenimento recheado de ação tipicamente hollywoodiana: perseguições de carro, assassinato, pistolas apontadas e por aí afora. Desnecessário, e até ridículo, dizer que não abalou um milímetro dos pilares do cristianismo, tampouco serviu de bandeira para ateus militantes, como escreveu Ricardo Alves no *Diário Ateísta*, de Portugal:

Quem é ateu e espera um manifesto anti-cristão (eu não esperava) sairá defraudado: perto do final, Robert Langdon diz algo como “*não interessa se Cristo foi humano ou divino, o importante é que inspirou as pessoas*”, e recomenda os efeitos tranquilizantes da oração independentemente de se crer ou não. Pressiona ainda Sophie Neveu, que no início era ateia, a seguir esta espiritualidade (...). Tudo muito “cristianismo *light*”, portanto. Então, porquê a polêmica? Pelo pouco que sei, por três razões. Primeira, o filme atribui uma descendência a dois personagens do Novo Testamento, “Jesus Cristo” e “Maria Madalena”. Talvez por nunca ter sido cristão, não compreendo a aflição que a hipótese de que o semi-deus dos cristãos tivesse tido relações sexuais provoca. O “Deus” cristão em forma humana teria necessariamente que ser um castrado ou um impotente? Ou será a contradição com a misoginia doentia de Paulo de Tarso que incomoda? (...) A terminar, é espantoso que ninguém tenha reparado que os países que proibiram a exibição de “*O Código Da Vinci*” são, salvo uma ou outra exceção, aqueles em que houve protestos violentos contra os cartunes dinamarqueses. A ICAR e o islão, com toda a coerência, são contra toda e qualquer crítica aos seus dogmas, e sabem cooperar quando necessário.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> *O Estado de São Paulo* apud *Observatório da Imprensa*.

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=376ASP013>. Publicado em 13 abr 2006. Acesso em: 5 set 2007.

<sup>4</sup> Ricardo ALVES, DIÁRIO ATEÍSTA. <http://www.ateismo.net/diario/2006/06/o-codigo-da-vinci-visto-por-um-ateu.php>. Publicado em 22 jun 2006. Acesso em: 5 set. 2007.

Entretanto, é curioso diante desses fenômenos de mídia observar não só as reações públicas e coletivas, mas também as reações privadas. Pessoalmente, causou-nos surpresa não o quanto alguns aspectos do filme pudessem ter incomodado a cúpula da Igreja, mas a reação de mulheres diante da hipótese de que Jesus tenha se relacionado com Maria Madalena. Recorremos aqui a observações empíricas para falar do assunto. O mais surpreendente foi ouvir de uma jovem de 18 anos: “Imagine, Nosso Senhor casado com Maria Madalena, que absurdo!”. Quando perguntamos o motivo da observação, ela não soube responder. O absurdo obviamente não se referia ao fato de que ciências auxiliares da história como a arqueologia bíblica ou a filologia, dessem, com base em investigações científicas, esse relacionamento conjugal como muito improvável historicamente. O incômodo implícito na fala era o envolvimento de Jesus com uma mulher, algo que parecia jogá-lo imediatamente para uma espécie de categoria inferior, que manchasse sua imagem. É difícil não concordar com as observações atéticas de Ricardo Alves, em *Diário do Ateísta*. E também com o fictício Roberto Langdon: “não interessa se Cristo foi humano ou divino, o importante é o que inspirou nas pessoas.”

### A Paixão de Cristo

O mesmo texto de *O Estado de São Paulo*, reproduzido no site do *Observatório da Imprensa*, que trouxe a nota da CNBB aconselhando os católicos sobre guardarem a devida cautela em relação a *O Código Da Vinci*, fez também um retrospecto de outras situações em que a Igreja se pronunciou sobre filmes baseados em passagens bíblicas:

Em 1986, a exibição do filme francês *Je Vous Salue Marie*, de Jean Luc Goddard, foi proibida no País por pressão da Igreja Católica. Na versão de Godard, Maria é uma estudante que joga basquete, José é motorista de táxi e o anjo Gabriel é violento. A Igreja também reagiu em 1988 contra *A Última Tentação de Cristo*, de Martin Scorsese, que retrata como teria sido a vida de Jesus com esposa, filhos e um cotidiano normal. No início de 2000, entidades religiosas pediram a proibição do filme *Dogma*, dirigido por Kevin Smith, que mostrava personagens bíblicos em meio a cenas de violência. Mas não é sempre que a CNBB critica filmes de cinema baseados em passagens da Bíblia. A entidade recomendou há dois anos o filme *A Paixão de Cristo*, dirigido pelo ator Mel Gibson, que retrata as últimas horas de vida de Jesus.<sup>5</sup>

O filme *A Paixão de Cristo*, lançado próximo da Páscoa, em 2004, já chegou às bilheterias brasileiras com uma receita de US\$ 213 milhões<sup>6</sup> e cercado de muita polêmica. As contradições aparecem inclusive nas notícias divulgadas na época. Enquanto *O Estado de São Paulo* afirmou na nota transcrita acima que a CNBB recomendou o filme, *Isto é Dinheiro*

<sup>5</sup> OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=376ASP013>. Publicado em 13 abr 2004. Acesso em: 5 set 2007.

<sup>6</sup> Cf. Fábio ALTMAN, Quanto vale a marca Jesus. *Isto é Dinheiro*. p. 45.

publicou uma declaração de dom Geraldo Agnello, presidente da entidade, resumindo o filme como simplesmente “cruel”. É justamente nas reportagens de *Isto é Dinheiro* que encontramos as referências mais irônicas ao filme, como esta:

*A Paixão de Cristo*, de Mel Gibson, exibe 2 horas e 6 minutos de açoite, perfurações, socos, pauladas e crucificação. É o filme mais violento da história do cinema. Gibson, ator e diretor hollywoodiano afeito a personagens musculosos e truculentos, quase sado-masoquistas, já amealhou muito mais do que 30 dinheiros e nem mesmo precisou traír suas idéias de conservador católico. Até a semana passada, as bilheterias americanas registravam U\$ 213,8 milhões em apenas 12 dias de exibição. (...) *A Paixão de Cristo* exige sangue frio.<sup>7</sup>

Vale ressaltar aqui a análise de Robert Alexander, da Alexander & Associates, empresa de análise de mídia: “O segredo desse filme é que ele não é apenas diversão. É também uma experiência religiosa, e muitas pessoas terão interesse em presenteá-lo ou usá-lo como peça de evangelização.”<sup>8</sup>

A movimentação em torno do filme na época confirma essa análise. Para muitos, tornou-se ferramenta doutrinária e também uma experiência religiosa. Polêmico, sem dúvida, atraiu elogios de alas cristãs conservadoras, as críticas ou o repúdio dos moderados e a reprovação e o espanto da comunidade judaica.<sup>9</sup>

No entanto, para efeito desse estudo, a premissa que aplicamos à *Paixão de Cristo* é a mesma de *O Código da Vinci*. Se este não deve ser encarado como um tratado de teologia ou de história do cristianismo, aquele também não pode ser classificado como experiência religiosa ou instrumento de evangelização. Ambos são pura e simplesmente entretenimento. O segundo, um *triller* de ação e o primeiro um *triller* de terror, com um tipo de tratamento de imagem que em nada fica a dever a produções como *Jogos Mortais* ou *O Albergue*, representantes máximos do que hoje se chama de violência pornográfica no cinema.

Como peças de entretenimento, cada um dos filmes se vendeu a seu modo. No caso de *A Paixão de Cristo*, Mel Gibson insistiu em dizer que mostrava as últimas horas de Jesus em total acordo com a descrição dos evangelhos. O professor Afonso Maria Ligório Soares, doutor em

---

<sup>7</sup> Cf. Fábio ALTMAN, Quanto vale a marca Jesus. *Isto é Dinheiro*. p. 45.

<sup>8</sup> *Ibid.* p. 46.

<sup>9</sup> *Ibid.* p. 45.

Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, faz uma análise contundente desse aspecto:

O “Evangibson de Mel” está pontilhado de erros e incongruências perceptíveis a qualquer estudante de teologia mais atento. (...) Entretanto reconheço que nenhum cineasta, por mais cuidadoso, conseguiria contentar todos os entendidos nesse quesito. Aliás, por que o faria? Cinema é cinema. O que de fato me incomoda nessa Paixão é algo bem mais perigoso para todos nós, judeus e cristãos, crentes ou ateus: a insistência do diretor na observância literal dos evangelhos e a restrição do enredo às últimas horas de Jesus. Não julgo seu mérito artístico, mas já que Gibson também incluiu no marketing do filme sua opção católica e intenção missionária, é preciso salientar o viés fundamentalista dessa abordagem, que, como todo fundamentalismo, é sempre uma distorção: a pretensão de seguimento estrito do texto sagrado nunca deixa de ser uma seleção e interpretação (interessada) desse texto. Portanto o nó da questão não estaria no presumido anti-semitismo que busca confirmar na Bíblia suas teses racistas, mas numa leitura acrítica da mesma. Acrítica, mas não inócua. Embora haja no filme passagens ternas, (...) o que fica mesmo é a brutalidade dos golpes e a longa sessão de tortura a que é submetido o profeta galileu.<sup>10</sup>

E vai além na avaliação:

Não erraria muito quem nele vislumbrasse o filho masoquista de um pai sádico. Essa concepção, para dizê-lo de uma vez, não é evangélica nem cristã. A mais antiga tradição sempre afirmou que é o amor é salvar. A dor pode ser preço, nunca meta. Ao escancarar o sofrimento, e não o cerne da pregação jesuana (o reinado de Deus e suas conseqüências para a humanidade), a película vende, cinematograficamente, uma imagem desequilibrada e quase patológica do cristianismo. As possíveis conversões que alguns líderes religiosos mais incautos esperam obter com sua exibição serão mais problema do que solução.<sup>11</sup>

Essa crítica eminentemente histórica e teológica também nos dá subsídios para uma avaliação do filme como mídia cinematográfica. *A Paixão de Cristo* recebeu indicações para quatro premiações, mas não conquistou nenhuma delas<sup>12</sup>. Foram três indicações ao Oscar, somente em categorias técnicas: fotografia, maquiagem e trilha sonora; e uma indicação ao *MTV Movie Awards* de melhor ator para Jim Caviezel, no papel de Jesus. Não é difícil imaginar o porquê de o ator ter ficado somente na indicação, sem levar o prêmio. Nada contra ele. O problema é que o protagonista de Mel Gibson contraria os mais básicos manuais de roteiro para cinema no que tange à construção de um personagem. O protagonista, como afirma o professor

<sup>10</sup> Afonso Maria Ligório SOARES, A paixão segundo o “Evangibson de Mel”. *Folha de São Paulo*. 20/03/2004. p. A3.

<sup>11</sup> *Ibid.* p. A3.

<sup>12</sup> ADORO CINEMA. <http://www.adorocinema.com/filmes/paixao-de-cristo/paixao-de-cristo.asp>. Acesso em: 8 set. 2007.

de roteiro Syd Field, é o coração, a alma e o sistema nervoso de uma história e para que essa história funcione bem, quanto mais multidimensional, mais multifacetado o personagem central, melhor.<sup>13</sup> Alguns atributos subjetivos são considerados fundamentais na construção de protagonistas: a) ponto-de-vista, seu jeito de olhar o mundo; b) atitude, mais ligada na verdade à postura do personagem, por exemplo, radical, omissivo, otimista; c) personalidade: rude, rabugento, sagaz, extrovertido etc; d) comportamento: ligado à ação do personagem, o que ele faz é o que ele é.<sup>14</sup> Não falamos aqui de ação enquanto gênero cinematográfico, mas da ação dramática, que impulsiona a história. Considerando tais aspectos, o que podemos dizer do protagonista de *A Paixão de Cristo*? Quase nada. Ele simplesmente apanha do começo ao fim do filme, salvo alguns *flash backs* mal explorados que se tivessem sido melhor aproveitados certamente contribuiriam para enriquecer o Cristo de Gibson, torná-lo mais interessante, mais carismático, mais expressivo e menos passivo. As pequenas e interessantes histórias narradas em retrospecto se perderam em meia à brutalidade. Isso acontece porque na verdade o protagonista não é Jesus, mas a violência. Ela foi estilizada, trilhada e glamourizada. Destacou-se a ponto de tornar o personagem central secundário, sufocar sua expressão e ocupar o seu lugar. É um filme muito mais preocupado com a estetização e a sensação do que com a narrativa de uma história em si. O que não surpreende, pois Gibson veio do cinema espetáculo, onde a plausibilidade é pouco importante, o que vale é a ação/sensação, como cair de um prédio de cinco andares, chegar praticamente ileso ao solo, com uma pistola em punho, atirando para todos os lados e, em seguida, sair correndo.

Contribui para isso a descontextualização do personagem, que foi descolado da totalidade de sua trajetória para privilegiar um recorte unidimensional, tendencioso até. É quase como tentar contar a história de um grande assalto a banco, narrando durante duas horas apenas a trajetória da bala. Ora, divulgue-se então o filme como fiel a uma visão pessoal dos acontecimentos e não como fiel aos relatos evangélicos. Claro que venderia bem menos. Muitos correram aos cinemas para ver a pretensa verdade “fiel aos evangelhos” que Gibson mostraria e não o seu ponto-de-vista pessoal sobre o assunto – onde há espaço até para sonhos premonitórios da mulher de Pilatos. De certa forma, o autor não se compromete com nenhuma imagem de Jesus. Não sabemos se ele é radical, se é terno, se é flexível, se é irônico. Sabemos apenas que

---

<sup>13</sup> Cf. Syd FIELD. *Manual do roteiro*. p. 18-19. Syd Field atua como consultor de produtores americanos na análise e desenvolvimento de roteiros. Leciona Técnica de Roteiro na Sherwood Oaks Experimental College, em Hollywood, e no Art Center College of Design, em Pasadena.

<sup>14</sup> *Ibid.* p. 28-31.

ele sofre, como, aliás, qualquer um naquela situação, independente de ser bom ou mal, digno ou indigno, íntegro ou corrupto. O diretor matou no personagem justamente as características que o tornam diferenciado.

### Superinteressante

Nossa análise foi centrada nas edições de *Superinteressante*<sup>15</sup> que compreendem um período de três anos, de 2000 a 2002. Optamos por tal delimitação, visto que a partir de 2000 o tema ganhou um espaço significativo na revista. Finalizamos a análise em 2002 porque a partir do ano de 2003, a revista segmentou o assunto em outra publicação a ela vinculada, a *Revista das Religiões*<sup>16</sup>. Nessa época, a incidência da temática religiosa na publicação original caiu bastante e o conteúdo passou a ser o tema central da segunda publicação, embora não desaparecesse das páginas de *Superinteressante*.

O aumento considerável do espaço e da frequência da temática religiosa na revista no período selecionado para a pesquisa culminaria, no ano de 2002, com 9 das 13 edições – houve uma edição extra em setembro daquele ano - tratando de algum assunto relacionado à religião.<sup>17</sup>

Entre as denominações religiosas mais abordadas, encontramos em primeiro lugar o Cristianismo; em segundo lugar aparece o Islamismo; em terceiro, o Budismo; seguido pelo Espiritismo, pelo Judaísmo e pelo Santo Daime. As religiões das sociedades pré-hispânicas apareceram apenas uma vez. O Candomblé, - assim como outras religiões de origem africana - embora tenha sido a primeira religião a receber destaque principal de capa, em 1995, não aparece no período delimitado para o estudo. O Hinduísmo é citado em pequenas notas, com pouco destaque.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> A revista aborda a religião assim como outros temas, o que faz dela um tipo de mídia generalista e não religiosa e institucional. Na última, o conhecimento do mundo passa a ser vinculado ao conhecimento doutrinário, conferindo-lhe caráter confessional. Enquanto na mídia generalista a informação é um fim, na mídia religiosa institucional é um meio para veicular a visão de mundo da instituição. Cf. Luís Mauro Sá MARTINO, *Mídia e Poder Simbólico*, p. 56-57.

<sup>16</sup> A *Revista das Religiões* circulou do segundo semestre de 2003 até o primeiro semestre de 2005. Inicialmente ela foi lançada com periodicidade bimestral e, logo depois, mensal, como um subproduto de *Superinteressante*. Nos últimos meses de sua circulação, já não era mais vinculada à redação de *Superinteressante*. Cf. Helvânia Ferreira AGUIAR, *Deuses Superinteressantes*, p. 53.

<sup>17</sup> Todos os dados estatísticos referentes ao aparecimento do tema religião na revista foram obtidos por meio da *Coleção Superinteressante 15 anos*, em CD-rom, lançada em 2002, pela Editora Abril. A coleção traz todas as edições, desde o ano de 1987 até junho de 2002. O dados do segundo semestre de 2002 foram coletados em exemplares impressos.

<sup>18</sup> Para saber mais, ver Helvânia Ferreira AGUIAR, *Deuses Superinteressantes*, cap. II.



Ao propor toda uma gama de assuntos sobre diversas denominações religiosas, oferecendo ao público uma visão geral, portanto pouco aprofundada, podemos vislumbrar na publicação o desenraizamento a que se refere Gianni Vattimo, em *A Sociedade Transparente*.<sup>19</sup> *Superinteressante* coloca à disposição dos leitores, tal como num cardápio, os elementos para que ele mesmo possa avaliar e dali retirar o que lhe apetece, contribuindo, ainda que de forma indireta, para a criação de um sistema individual de crenças religiosas, no qual geralmente não há um vínculo sedimentado com a religião institucional. Esse desenraizamento ora se caracteriza como liberdade - o indivíduo faz suas escolhas, num fenômeno em que a pertença se mostra enfraquecida - ora se mostra como nostalgia do horizonte tranquilizador, que norteava as religiões tradicionais e oferecia relativa segurança.

A religião torna-se uma escolha moldável aos interesses do indivíduo, e esse, certamente, é um fator de peso para os editores de *Superinteressante* cada vez que se prepara uma nova edição. A direção de redação tem plena consciência dessa tendência<sup>20</sup>. Especialmente dentro do modelo de sociedade de consumo em que vivemos, onde o poder de escolha é tão valorizado, captar essa inclinação do leitor/consumidor provavelmente é o que faz com que as edições que dão destaque à temática religiosa fomentem as vendas.

Ao analisar caso a caso cada uma das reportagens veiculadas entre 2000 e 2002, encontramos características inerentes ao espetáculo: sensacionalismo, superficialidade, simplismo, reducionismo. Em entrevistas realizadas com especialistas que já foram ouvidos por *Superinteressante* em suas reportagens, alguns desses termos se repetiram, associados a outros para sintetizar o tipo de cobertura dada pela revista para a temática religiosa, como: abrangente; oportunista; marketeira; informação “rapidamente deglutível pelo leitor”, ligeira, leviana; entre outras características tidas como negativas.<sup>21</sup>

Lembremos ainda que a revista se esmera na imagem como informação, valendo-se fartamente da infografia para ilustrar as reportagens. Parece-nos que o conteúdo imagético tem tanto peso quanto o conteúdo textual e, muitas vezes, ele é fundamental para que se compreenda uma reportagem. A imagem em *Superinteressante* não é tratada apenas como elemento

---

<sup>19</sup> Gianni VATTIMO, *A sociedade transparente*, p. 16.

<sup>20</sup> Cf. Helvânia Ferreira AGUIAR, *Deuses superinteressantes*, Apêndices, p. 221.

<sup>21</sup> Lembremos, porém, que a publicação também tem seus aspectos positivos. A expressão entre aspas foi empregada pelo professor Mamede Jarouche, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, entrevistado pela autora por e-mail em 09/02/06.

coadjuvante. Ao lado dos editores de texto e de arte, ela tem um editor especialmente dedicado à infografia.

Acreditamos que a configuração, tanto visual, quanto textual, das reportagens sobre a temática religiosa da revista oscile entre o aprofundamento e a espetacularização da informação e, em alguns casos, tendendo mais para a segunda alternativa. Uma oscilação talvez análoga àquela que Vattimo define como um tipo de emancipação, que pende ora para a pertença, ora para o desenraizamento, fruto da pluralidade disseminada pelos meios de comunicação.

### *Considerações finais*

*Superinteressante*, ao enquadrar-se como veículo de jornalismo científico<sup>22</sup> tem uma grande responsabilidade social. Se, por meio da informação séria, fidedigna e responsável, a revista conseguir, de alguma forma, fomentar a tolerância e o diálogo religioso – ainda que indiretamente – já nos terá dado uma contribuição inestimável.

Quanto aos filmes, Dan Brown tenta dar um verniz de realidade à teoria conspiratória que é o mote de seu livro, mas acaba levantando uma questão importante e que já vem sendo discutida: o papel da mulher no cenário religioso. Mel Gibson resume a trajetória de Jesus de Nazaré em hipérbole da violência estetizada e, com isso, comove alguns, mas provoca o repúdio de outros tantos.

Se, por um lado, Brown dá como fato a existência fictícia de uma sociedade secreta que há centenas de anos se devota a “proteger” o sagrado feminino, marginalizado no cristianismo, e acaba, justamente por isso, empurrando-nos para um exercício de imaginação: como seria a história religiosa do ocidente, majoritariamente cristão, se as mulheres não tivessem sido relegadas à obscuridade pelas mãos que registraram essa mesma história, Gibson nos faz pensar sobre qual o cerne do Reino de Deus anunciado por Jesus: o sofrimento como causa ou como eventual consequência da salvação centrada nas ações de amor ao próximo? A dor como meta ou como preço a pagar, como bem ressaltou o teólogo Afonso Soares.

Mais do que qualquer aspecto, tais obras nos lembram que a dúvida é um componente quase indissociável da fé. É ela que permite o arejamento das idéias e as mantém longe das certezas doentias. Em tempos de certezas religiosas tão perigosas como as que motivaram o 11

---

<sup>22</sup> O jornalismo científico está associado ao processo de humanização da ciência, à superação de problemas que interfiram no bem-estar da população e à democratização do saber. Cf. José MARQUES DE MELO apud Alessandra Pinto de CARVALHO, *A Ciência em Revista*, p.15.

de setembro ou a invasão do Iraque, é a dúvida, *com certeza*, que nos leva a patamares mais elevados de reflexão.

### Referências:

AGUIAR, Helvânia Ferreira. *Deuses superinteressantes: a religião na perspectiva da revista Superinteressante* – Edições de 2000 a 2002. (2006) 237 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) PUC. São Paulo.

ALTMAN, Fábio. Quanto vale a marca Jesus. *Isto é Dinheiro*, São Paulo, n. 341, p. 44-49, 17 mar. 2004.

BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CARVALHO, Alessandra Pinto de. *A Ciência em Revista: um estudo dos casos de Globo Ciência e Superinteressante*, 1996. 178 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo Científico) UESP. São Bernardo do Campo.

FIELD, Syd. *Manual do Roteiro*. Os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia e poder simbólico*. São Paulo: Paulus, 2003.

SOARES, Afonso Maria Ligório. A paixão segundo o “Evangibson de Mel”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 20/03/04, Tendências/Debates, p. A3.

SUPERINTERESSANTE. Coleção 15 anos em CD-ROM. 6 CDs-ROM (edições na íntegra de setembro de 1987 a junho de 2002). São Paulo: Editora Abril, 2002.

VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio d’Água, 1992.

### Sites

ADORO CINEMA. <http://www.adorocinema.com/filmes/paixao-de-cristo/paixao-de-cristo.asp>.

Acesso em: 8 set. 2007.

ALVES, Ricardo. (2006) O Código Da Vinci visto por um ateu. *Diário Ateísta*.

<http://www.ateismo.net/diario/2006/06/o-codigo-da-vinci-visto-por-um-ateu.php>. Acesso em: 5 set 2007.

CINECLICK. <http://www.cineclick.com.br/>. Publicado em: 10 mai. 2006. Acesso em: 5 set 2007

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA.

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=376ASP013>. Publicado em 13 abr 2006. Acesso em: 5 set 2007.

**Filmes**

*A Paixão de Cristo*. Dir. Mel Gibson. Icon Productions/Marquis Films Ltda. EUA. 2004.

*O Código Da Vinci*. Dir. Ron Howard. Columbia Pictures/Imagine Entertainment/Brian Grazer/John Calley. EUA. 2006.